

# HISTÓRIAS

da Gente da Justiça

## Apenas uma camisa

**Ilo Santiago Jr. (ASCOM/TJCE)**

*História contada pela oficiala de Justiça*

**Iara Nogueira**

“

Ele tinha apenas uma camisa. Só isso. Colocou-a dentro de um saco plástico de supermercado. Era o que lhe restava para levar. E foi, deixando para trás uma história de violência e miséria. Como assistente social por formação e, como ser humano, senti-me compelida a prestar esse apoio. Ele não tinha familiares na cidade. Os que tinha estava esquecendo para sempre a partir daquele momento. Abandonando-os para evitar um trágico fim. E essa era a minha função: impedir o pior.

Era uma das minhas primeiras missões, em 1989, pelo TJCE. Cumprir um mandado de afastamento

familiar na periferia de Fortaleza nunca foi tarefa simples. Ainda é difícil até hoje! A mulher já havia denunciado as agressões. Nem precisava de muitas evidências para comprovar. Bastava olhar para ela. Os hematomas tomavam-lhe o corpo. Um policial me acompanhou. Não sabia o que iria encontrar, mas fiquei surpresa ao chegar. Como uma família com cinco crianças pequenas conseguia sobreviver ali?

O barraco não tinha piso. Era terra batida. A areia molhada virava lama. Caminhei com cuidado para evitar me desequilibrar e — aos poucos — fui contando nos dedos o que havia: fogão à lenha, uma faca sobre a mesa (objeto que o policial prontamente confiscou ao entrar), e as redes dos filhos, estendidas umas sobre as outras. Não havia sequer um local parecido com um banheiro. As condições de higiene eram precárias. TV, geladeira tampouco um rádio. Luxo assim somente nos melhores sonhos delas. Se é que tinham sonhos. Quando se vive o pesadelo na vida real, as pessoas não conseguem se permitir a ter sonhos.

A pesca era a principal fonte de renda. O lar da família ficava pertinho do mar. Tão próximo que uma ação inesperada da natureza, com certeza, facilmente arrastaria aquele frágil projeto de palafita. Dava até para eu sentir a brisa dentro do barraco e ouvir o barulho das ondas. O casal tinha por volta dos 40 anos, porém aparentava bem mais. O sofrimento para sobreviver castigou os corpos deles anos a fio. E, há algum tempo, vinha maltratando também suas mentes.

Eu já tinha conversado com a mulher, vítima daquela situação, antes de chegar ao local. O pescador, quando retornava após dias em alto-mar, já voltava no sentido de gastar o apurado no balcão do bar. O álcool era a forma de descarregar todas aquelas frustrações. Embriagado, sobrava para a esposa. As brigas sempre terminavam violentamente. Um dia, quase a matou. Era uma questão de tempo acontecer.

Graças à coragem dela em denunciá-lo, a Justiça foi acionada. Fui até lá com o mandado em mãos. O homem não ofereceu resistência alguma. Nenhuma fala mais brusca na minha direção. Nada. Ao contrário, confirmadíssimo, sabia que não era certo aquela história terminar de forma terrível.

— Eu sei do meu erro, doutora. Só que não tem para onde eu ir. Sou do interior. Não conheço mais ninguém aqui. Só tenho essa blusa para levar. Nada mais — disse, já a alguns metros do barraco, sem olhar para trás.

Descobri que havia um conterrâneo dele, que morava a muitos quilômetros dali. Do outro lado de Fortaleza. Resolvi levá-lo no meu carro até lá. Fomos conversando. Expliquei a ele que não poderia mais se aproximar da agora ex-mulher. Que se fizesse isso, poderia ser preso. E que o afastamento era o melhor para todos da família.

— Só quero voltar para minha terra — desabafou.

Nunca mais vi aquelas pessoas. Desses 25 anos pra cá, em minha longa jornada profissional, aquela situação ainda me marca profundamente, pois me fez constatar algo importante sobre a miséria e a riqueza numa cidade tão desigual como a nossa. Quanto mais simples são as casas que vou com os mandados em mãos, mais facilmente as pessoas entendem nosso trabalho e nos tratam de forma educada, seja qual forem as circunstâncias que estão vivendo. E, até hoje, mesmo após todos esses anos, deparo-me com situações idênticas em Fortaleza. Os barracos sem praticamente nada dentro, as frustrações transformadas em violência e apenas uma camisa para levar num saco de supermercado.

**Esse texto foi escrito nos padrões literários de crônica curta e é de livre criação do seu autor. Foi baseado em história contada por um(a) oficial(a) de Justiça do TJCE. Foram suprimidos alguns nomes verdadeiros, locais etc.**



”